

La Rivista «Annali dello Spiritismo in Italia»
 (Anais do Espiritismo na Itália)
 (1863 - 1912)

Direzione della Rivista

Vincenzo Scarpa (Niceforo Filerete) (Enrico Dalmazzo (Teofilo Coreni)

Tipografia de Enrico Dalmazzo



Compilação de diversos casos espíritas que envolvem a mediunidade de efeitos físicos (Transporte, Tiptologia) e outros tipos de mediunidades estudadas por Allan Kardec e que foram estudados pelos Anais do Espiritismo na Itália.

Data da publicação: 11 de setembro de 2020

TRADUTORA: Fabiana Rangel

COMPILAÇÃO: Irmãos W. e Jorge Hessen

REVISÃO: Carlos Seth (CSI do Espiritismo)

PUBLICAÇÃO: www.autoresespiritasclassicos.com

São Paulo/Capital

Brasil



Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei uníssonas vossas vozes, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... e podereis entrar no reino dos Céus.

O ESPÍRITO DE VERDADE

NOTA - A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume a um tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio do Evangelho Segundo O Espiritismo.

Índice

Apresentação de Alan Kardec (R.E de Março de 1864) / **05**

Biografia de Vincenzo Scarpa (Niceforo Filerete) / **07**

Manuscrito de Allan Kardec (Carta de Allan Kardec para Sr. Dalmazzo) / **09**

Manuscrito de Allan Kardec (Rascunho de carta para o Sr. <Plenet>) / **10**

Compilações de casos Espíritas

I – Caso 01 / **13**

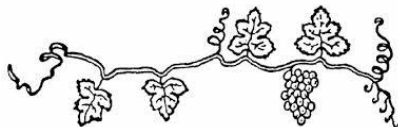
II – Caso 02 / **15**

III – Caso 03 / **18**

IV – Caso 04 / **23**

V – Caso 05 / **28**

VI – Caso 06 / **33**



Apresentação de Alan Kardec - (Revista Espírita de Março de 1864)

Notas Bibliográficas

Annali dello Spiritismo in Italia
(Anais do Espiritismo na Itália)
(1863 - 1912)

Sob esse título, a Sociedade Espírita de Turim começou uma publicação mensal, da qual recebemos os dois primeiros números. O objetivo eminentemente sério que se propõe essa sociedade, o talento e as luzes de seus membros, fazem bem prever a direção que será dada a este novo órgão da doutrina. Graças a isto, e em razão do que está escrito em língua nacional, o Espiritismo fará seu caminho na Itália, onde já conta numerosas simpatias. A sociedade e seu jornal arvoraram claramente o ideário da Sociedade de Paris. A seguinte passagem, traduzida do primeiro número, é uma espécie de profissão de fé, que indica suficientemente o espírito que preside a redação.

“...Aquele, pois, que quiser entregar-se ao estudo do Espiritismo comece, antes de tentar experiências, por ler as obras que tratam da matéria e a estudá-las atentamente, para não fazer como o viajor que, atravessando um país desconhecido, sem guia nem conselhos, a cada passo corre o risco de perder-se. E porque outros já aplainaram o terreno, quer a razão que se esclareçam por seus estudos, a fim de aprenderem a maneira de distinguir os Espíritos bons dos maus, e para saber como se deve agir, a fim de livrar-se destes últimos, não se deixar levar por seus embustes, nem serem vítimas dos males que daí pudessem resultar.”

“Para isto recomendam-se como da mais alta utilidade as obras escritas em francês por um infatigável e sábio espírita, o Sr. Allan Kardec, nas quais não se sabe o que mais louvar: se a retidão das

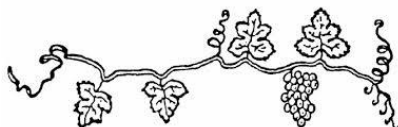
intenções e a grandeza da filosofia, ou a clareza do estilo. Entre essas obras, as principais e as primeiras a ler são O Livro dos Espíritos e O Livro dos Médiuns. No primeiro se acha a teoria filosófica revelada, como o afirma o autor, pelos Espíritos superiores; e no segundo um tratado completo da prática do Espiritismo e a maneira de adquirir, se possível, a faculdade mediúnica.”

“Mas nenhuma destas obras está ainda traduzida em italiano. E mesmo que estivessem, sua extensão seria um obstáculo a muita gente que as quisesse abordar. O próprio autor sentiu esta dificuldade, razão por que resumiu a parte essencial de O Livro dos Espíritos num opúsculo intitulado: O Espiritismo na sua expressão mais simples, o qual foi traduzido em nossa língua e publicado em Turim. Pode dizer-se que essa tradução deu a volta em toda a península, tendo sido vendido grande número de exemplares em todas as cidades da Itália.”

“Mas como o autor não fez um resumo de O Livro dos Médiuns, e enquanto esperamos que o livro completo possa ser traduzido em italiano, tivemos a idéia de publicar uma síntese que, se não pode comparar-se ao de Allan Kardec, ao menos contém as principais advertências de primeira necessidade para os que tencionam aplicar-se ao estudo do Espiritismo prático. Esperamos que seja suficiente para indicar o caminho a seguir para conseguir pôr-se em relação com os Espíritos bons e afastar os inferiores e perversos.”

“Estudado com pureza de sentimento, o Espiritismo pode tornar-se fonte das mais doces consolações para todos os homens de bem e desejosos do progresso.”

Allan Kardec - Revista Espírita de Março de 1864



Biografia de Vincenzo Scarpa
(Niceforo Filerete)
(1835 – 1912)

O Professor Vincenzo Scarpa nasceu em Trieste, na Itália em 1835. De formação republicana, patriota e combatente, é condecorado entre os beneméritos que cooperaram para a libertação de Roma. Amigo de Mazzini e de Garibaldi, é por eles encarregado de diversas missões.

Chegando em Torino em 1859, depois de ter sido professor por alguns anos no ginásio de Chieri, torna-se secretário pessoal de Camillo Benso, conde de Cavour. Bem visto nos meios jurídicos da Corte, secretaria até o Príncipe de Carignano durante alguns anos.

Funda com o senador Bruno Pasquali a Cruz Rosa de Torino e a primeira Escola comercial noturna. Por essa última conquista, recebe medalha de prata de honra do rei Vittorio Emanuele II, como benemérito da instrução pública.

O Professor Vincenzo Scarpa estudioso e grande apaixonado pelo Espiritismo, com apoio de Enrico Dalmazzo (Teofilo Coreni) fundou na cidade de Torino em 1863, na Itália, os "Anais do Espiritismo", com publicação mensal. Vincenzo dirigirá sozinho a sociedade a partir de 1865, permanecendo na direção por 36 anos.

Ainda em 1865, Vincenzo Scarpa e Enrico Dalmazzo (Teofilo Coreni) fundaram um dos centros espíritas pioneiros na Itália, a Società Torinese di Studi Spiritici. Que será um grande celeiro na pesquisa das ocorrências mediúnicas conduzidos por diversos pesquisadores espíritas.

Vincenzo Scarpa foi o primeiro tradutor de O Livro dos Espíritos para idioma italiano, assim como traduziu as demais obras da Codificação Espírita. E se tornou conhecido pelo pseudônimo "maçônico" - "Niceforo Filerete".

Allan Kardec registra na Revista Espírita em julho de 1863 a publicação de "Anais do Espiritismo" como um novo órgão de divulgação do Espiritismo na Itália.

"O objetivo eminentemente sério a que se propõe essa sociedade, bem como o talento e as luzes de seus membros, permitem boas perspectivas acerca da direção que será dada a esse novo órgão de divulgação do Espiritismo".

Além disso, é também autor de diversas publicações de cadernos filosóficos. Maçom da Loja Dante Alighieri de Torino, Vincenzo Scarpa está entre os fundadores da Sociedade para a Cremação de Torino e em 1882 fez parte do "comitê provisório", junto a um numeroso grupo de importantes expoentes da maçonaria torinense, como Giacinto Cibrario, Pompeo Marini, Secondo Laura, Cesare Goldman, Gaetano Ferroglio, Ariodante Fabretti e Vincenzo Moglini.

Vincenzo Scarpa desencarnou em Torino, no dia 08 de março de 1912, e as suas cinzas foram depositadas no Tempio Crematorio.

Tradutora: Fabiana Rangel

São Paulo, 11 de setembro de 2020



Rascunho de carta para o senhor Dalmazzo - 12/12/1863

De Allan Kardec para o senhor Dalmazzo
Paris, 12 de dezembro de 1863.

Senhor Dalmazzo.

Meu caro senhor,

Recebi com vivo prazer sua bondosa carta, bem como os interessantes detalhes que me deu sobre a formação da Sociedade Espírita de Turim. O senhor encontrará anexa a minha resposta à gentil citação de que fui objeto de sua parte. Se minhas ocupações me permitirem, nas próximas férias terei o imenso prazer de ir pessoalmente agradecê-la e cumprimentar nossos irmãos de Turim. Se isso for possível, eu o informarei com antecedência.

Aprovo bastante a união que o senhor fez da escola experimental com a escola filosófica; seria lamentável que uma questão de forma fosse causa de dissidência. É preciso jamais perder de vista que a finalidade é a mesma: o progresso moral, e como meio, a caridade para todos.

Verei com imenso prazer realizar-se o seu projeto de publicação mensal, pois tenho a convicção de que esta será realizada de uma maneira séria.

Renovo-lhe, caro senhor, a expressão de meu afeto fraternal.

Allan Kardec.

Projeto Allan Kardec (Coleções de manuscritos Allan kardec)



Rascunho de carta para o senhor <Plenet> - 04/04/1864

De Allan Kardec ao senhor

Paris, 4 de abril de 1864.

Senhor <Plenet>, de Milão.

Meu caro senhor,

Recebi com imenso prazer a carta que teve a bondade de me escrever e posso somente lhe felicitar pelo zelo na propagação do Espiritismo. Turim, como o senhor sabe sem dúvida, tem uma Sociedade Espírita perfeitamente organizada. Milão deveria ter uma a seu turno, e o grupo que o senhor se propõe a fundar lhe será provavelmente o primeiro marco. Quanto aos conselhos que me pede a esse respeito, encontram-se suficientemente desenvolvidos na obra que publiquei, intitulada *Viagem Espírita em 1862*; e, na incerteza de saber se a possui, eu a remeto pelo correio de hoje ao senhor. Um ponto não menos importante é se compenetrar bem da essência das obras que tratam da doutrina espírita, porque, para bem ensinar, é preciso bem conhecer. Mando-lhe igualmente o número da *Revista Espírita* do mês de abril, que contém instruções que lhe podem ser úteis. Por fim, aconselho-o a manter contato com a Sociedade Espírita de Turim. Para isso, o senhor poderá dirigir-se ao senhor *Henri Dalmazzo*, tipógrafo, 8, rua San Domenico.

Escrevo pelo mesmo correio à senhora marquesa Rosalès, de Milão, dando-lhe seu endereço; é uma fervorosa espírita que lhe poderá ser útil, tanto quanto sua posição de família permitir.

Espero, com vivo interesse, ter notícia do resultado de suas tentativas e lhe rogo crer na fraternal simpatia de seu dedicado,

Allan Kardec.

Projeto Allan Kardec (Coleções de manuscritos Allan kardec)



PLACA DE HOMENAGEM

VICENTE GIOVANNI SCARPA

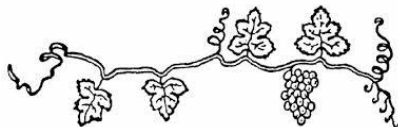
(1863 - 1912)

COMPILAÇÃO DE CASOS ESPÍRITAS

LA RIVISTA «ANNALI DELLO SPIRITISMO IN ITALIA»

(ANAIS DO ESPIRITISMO NA ITÁLIA)

(1863 - 1912)



Caso 01 – O seguinte episódio é extraído do vol. III, pág. 295 dos *Annali dello Spiritismo in Italia*. O Sr. F. Scifoni, um dos mais notáveis espíritas italianos da primeira hora, escreveu nestes termos ao diretor da citada revista:

“Em 17 de junho de 1863, pouco depois da meia-noite, eu me achava no escritório, como de costume, absorvido pelo trabalho. Parando para um breve repouso lembrei-me de ter lido em jornais espíritas ou de magnetismo algo sobre a experiência da evocação do espírito de pessoas imersas no sono. Sabia também que um dos meus amigos havia obtido bons resultados em tais provas, por mais de uma vez, e assim me veio a vontade de tentá-lo.

Morava comigo, havia muitos meses, o Sr. Vincenzo Tanni, que dormia no meu próprio quarto, contíguo ao meu gabinete. A porta estava encostada e eu o ouvia roncar ruidosamente, como de hábito. Aqui declaro que nunca o havia visto acordar, nem mesmo incomodar-se com qualquer ruído que eu fizesse, de modo que, durante o dia, muitas vezes ríamos do seu delicioso sono.

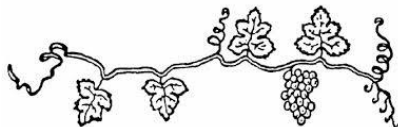
Quis então tentar a prova com ele e me esforcei por concentrar intensamente a minha vontade, como quando, pelo magnetismo, se quer promover o êxtase do sonâmbulo. Evocado o seu espírito, comecei logo a escrever, e a minha mão traçou estas palavras: “Eis-me aqui. Que queres comigo?” Feitas algumas perguntas e recebidas respostas de pouco valor, escrevi este pedido: “Ora, meu caro Tanni, queres fazer-me um favor? Quererias dar-me uma bela prova da realidade das comunicações espíritas, despertando-te por alguns instantes e chamando-me pelo nome?” E minha mão escreveu: “Sim”. Repito que me achava em meu gabinete e que ele dormia no quarto anexo. Do lugar em que fica o gabinete até à parede que o divide do dormitório distam quatro metros. Eu me

mantinha em profundo silêncio e com o ouvido atento para verificar se ele fazia o menor movimento, porém nada interrompia o seu sono de chumbo. Continuando sem ouvir coisa alguma, evoco os meus espíritos familiares e a minha mão escreve: "Espere mais um pouco". Espero-o, porém nada ouço... Desiludido, já pensava em retomar o meu trabalho interrompido, quando de repente vi o Tanni mover-se e *chamar-me distintamente pelo meu nome*. Surpreso, pergunto:

- O que queres?
- Ainda estás de pé?
- Sim. O que queres?
- Nada. – E com uma espécie de incerteza: – Que horas são?
- Meia-noite e trinta e cinco minutos.
- Ah! Supus que já fosse dia.

Em seguida, tornou a dormir profundamente. Pasmado com a belíssima experiência, pergunto aos meus espíritos familiares se a demora da prova não seria talvez devida à falta de firmeza de minha vontade, e a minha mão escreve: "Sim. Vacilas um pouco; contudo, podes ficar contente com o resultado."

Desejando-se tomar ao pé da letra o desenvolvimento dos fatos no caso exposto, dever-se-ia dizer que o episódio da comunicação mediúnica entre vivos, aí contido, poderia ter ocorrido pela intervenção de uma entidade espiritual, mas como tal circunstância não é demonstrável e como tal hipótese não é necessária para a interpretação dos fatos, não se deve insistir nela, pressupondo, ao contrário, a concentração da vontade do experimentador como tendo sido suficiente, como o é na prática para criar uma condição de "afinidade psíquica" entre o experimentador e o paciente adormecido, condição indispensável em tal espécie de experiências.



Visão de uma criança

Caso 02 - O relato que se vai ler fê-lo o professor Morgari, a 20 de outubro de 1863, na *Sociedade dos Estudos Espíritas de Turim*. (1)

Refere ele que, achando-se, no mês citado, em Fossano, travou relações com o professor P..., homem muito instruído, que vivia imerso em profunda mágoa por haver perdido sua jovem esposa, que lhe deixara três filhinhos. Para lhe minorar a dor, o Sr. Morgari falou-lhe do Espiritismo:

Il miser suole

Dar facile credenza quel che vuole. (2)

Ficou então decidido que se tentaria obter uma comunicação da morta querida. Com dois companheiros de estudos e uma sua irmã, o Sr. Morgari se sentou à mesa, bem como o professor P... e uma irmã sua. Obtiveram estes o nome de um de seus parentes, um certo *irmão Agostinho*. Em seguida, veio outro Espírito, o do pai deles, *Luís*, o qual, além do nome, disse exatamente a idade com que falecera. Não será ocioso notar que tais nomes o Sr. Morgari e sua irmã, recém-chegados a Fossano, desconheciam completamente.

Cedamos agora a palavra ao autor da narrativa:

“Se a experiência houvesse terminado aí, observa ele, eu nada vos diria, porquanto nada até então ocorrera que não fosse para nós outros muito vulgar. Mas, neste ponto é que começa o maravilhoso.

O Espírito da pranteada esposa, que viera dirigir tocantes palavras a seu marido, manifesta o desejo de ver os filhos que dormiam em aposentos contíguos e, de repente, a mesa entra a

mover-se com uma rapidez qual eu antes nunca vira, deslizando e girando tão vivamente, que apenas dois ou três dentre nós a podiam acompanhar, tocando-a com a ponta dos dedos. Penetrou em seguida no aposento mais próximo, onde uma das crianças, menina de três anos, dormia profundamente no seu berço. Acercando-se a mesa, como se fora dotada de vida e de sentimento, se inclina, no ar, para a criancinha que, sempre a dormir, lhe estende os bracinhos e exclama com essa tranqüila surpresa que sobremodo nos encanta na meninice: "Mamãe! Oh! Mamãe!" O pai e a tia, comovidos até às lágrimas, lhe perguntam se realmente está vendo a mãe: "Estou, vejo-a.. Como está bonita! Oh! Como está bonita!" Perguntada onde a via: "Numa grande claridade!" Responde. "Vejo-a no Paraíso." Nesse instante, vimos a criança fazer com os bracinhos um círculo, como se quisesse abraçar-se ao pescoço de sua mãezinha, e, coisa surpreendente, entre os braços e o rosto da menina, havia só o espaço necessário a caber a cabeça da que fora sua mãe. Durante a cena, a menina movia brandamente os lábios, como se estivesse a dar beijos, até que, por fim, a mesa recaiu no chão, conservando-se o anjinho com as mãos juntas e inexprimível sorriso.

Essa a verdade pura, simples e leal, de que me faço fiador, assim em meu nome, como no dos meus companheiros, todos prontos a confirmar com suas assinaturas esta narrativa, conforme eu próprio faço."

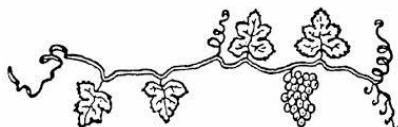
Esse testemunho de uma criança de três anos reconhecendo sua mãe não poderá ser suspeito, nem mesmo aos mais cépticos.

Ninguém poderá ver aí qualquer sugestão, pois que a criança dormia e era aquela a primeira vez que seu pai e sua tia se ocupavam com o Espiritismo. O que aí há é a confirmação da crença de que a mãe sobrevivia no espaço e continuava a prodigalizar seu amor ao marido e aos filhos.

Aqui vão outros exemplos, que corroboram os que acabamos de citar.

(1) Annali dello Spiritismo in Italia.

(2) O desgraçado sempre crê facilmente no que deseja.



Caso 03 – Extraio-os dos *Annali dello Spiritismo in Italia*, 1875, págs. 120 e 149. A relação do caso ocupa dez páginas dessa revista. Narrarei tão-somente as passagens principais. O relator é o conhecido espírita da primeira hora, Rinaldo Dall’Argine, e os protagonistas pessoas de sua intimidade.

Ele escreve:

“O Dr. Vincent Gubernári, natural de Maremmes, na Toscana, instalou-se definitivamente em Arcétri, deliciosa região perto de Florença, e, se bem que não fosse médico oficial, exercia aí igualmente sua profissão.

Gubernári, favorecido dos bens da fortuna, esposara Isabel Segardi, de Sienne, descendente duma família patricia dessa cidade. Também ela era rica e tinha trazido ao marido um dote não desprezível.

Os esposos convieram no fazer doação recíproca de bens e a Sra. Gubernári fizera seu testamento nesse sentido e supusera que o marido tinha feito outro tanto em seu benefício.

Posto que o Sr. Gubernári, materialista como era, zombasse do Espiritismo e dos Espíritos, não pôde deixar de impressionar-se, vendo muitos de seus amigos, que ele sabia bem instruídos, isentos de preconceitos e outrora mais antiespíritas que ele, tornarem-se repentinamente crentes com as manifestações espíritas.

Um belo dia, pois, o doutor, ou porque se quisesse convencer pessoalmente, ou porque se quisesse divertir à custa dos amigos, manifestou-lhes o desejo de tentar uma experiência na própria casa e convidou-os a nela tomar parte.

Logo que os experimentadores formaram a cadeia em torno da mesa, um Espírito agitou-a, com força surpreendente... E o doutor ficou extremamente admirado quando, perguntando-se o nome do Espírito presente, este lhe respondeu:

– Tua tia Rosa.

O doutor ficara órfão, com pouca idade, e fora educado com ternura por essa tia, que lhe tinha servido de mãe.

Quando voltou a si da surpresa, exclamou:

– Pois bem, se és verdadeiramente minha tia Rosa, ajuda-me a ganhar muito dinheiro!

– Estou aqui para bem outra coisa. Vim para aconselhar-te a mudar de vida e pensar em tua mulher – respondeu o Espírito.

– Já pensei em minha mulher – respondeu, sem vergonha, o doutor – tanto que ambos fizemos nossos testamentos, com benefícios recíprocos.

– Mentira! – respondeu o Espírito, sacudindo fortemente a mesa, para demonstrar o seu descontentamento – ela te deixou tudo, sim, mas tu não lhe deixaste nada!

A Sra. Governári tomou parte, então, no diálogo, e querendo persuadir o Espírito de que seu marido tinha feito testamento em seu favor, disse, corajosamente, que ele podia prová-lo, mostrando o mesmo testamento aos amigos presentes.

O doutor, em conseqüência dessa intervenção inesperada de sua mulher, viu-se comprometido e sem saber como sair-se do aperto. Sabia o que lhe dizia a consciência e lhe era impossível mostrar os documentos, declarando que o Espírito não tinha dito a verdade.

Muito perturbado com o incidente, declarou, então, que não faria ver a ninguém o testamento.

E o Espírito, agitando a mesa com força ainda maior, respondeu:

– Tu és um impostor! Sim, eu te repito: esqueceste tua mulher e em teu testamento só te lembraste da tua criada, porque... Muda,

sim, teu modo de vida e teu testamento e apressa-te, porque não tens tempo a perder, dentro de alguns dias estarás conosco no mundo dos Espíritos.

Essa revelação foi como que um raio sobre a cabeça do doutor. Ele ficou aterrado e, depois, com raiva, gritou:

– Como? Tenho que morrer antes de minha mulher, eu que sou mais moço que ela? Não, isso não acontecerá nunca; quero viver ainda e viverei.

Assim dizendo, levantou-se irritado e ordenou que levassem a mesa que servira à experiência.

No dia seguinte, um dos seus amigos, o Coronel Maurício – para acalmar-lhe a agitação –, falou-lhe de possíveis mistificações espíritas e lhe disse que, nessa noite mesma, iria à casa da Condessa Passerini, a fim de pedir uma sessão de contraprova.

O doutor pareceu acalmar-se e esperou com impaciência o resultado da nova experiência.

O Coronel Maurício foi, com efeito, à casa da Condessa Passerini e, começada a sessão, perguntou ao Guia se conhecia o que tinha sucedido à noite precedente em casa do Dr. Gubernári.

Responderam-lhe:

– Não houve mistificação; o Espírito da tia do doutor revelou-lhe a pura verdade.

– Então – perguntou o Prof. Capéli – o Dr. Gubernári deve morrer em breve?

– Sem dúvida nenhuma – continuou o Espírito – e antes do fim do ano corrente.

– Mas – acrescentou Capéli – como podemos contar ao doutor a terrível confirmação do que sua tia lhe revelou? Não queremos nem podemos aumentar sua perturbação.

– O que eu disse é a vós que o digo; com o doutor comportai-vos como quiserdes.

Escreveram imediatamente ao Dr. Gubernári que o Espírito assegurara que se tratava de mistificação

O doutor leu avidamente a carta e acalmou-se, rindo-se de si próprio e de seus terrores e, como gozasse de perfeita saúde, teve vergonha de haver acreditado, um único instante, na morte próxima.

Apesar de tudo, na noite de 12 de novembro foi assaltado por febre muito forte, acompanhada de muitas dores... Os médicos diagnosticaram moléstia sem importância e que não merecia se preocupassem com ela... Mas, com o tempo, o mal aumentava e ele sofria horrivelmente.

Seus amigos foram de novo à casa da Condessa Passerini, a fim de obterem uma sessão mediúnica. Manifestou-se a entidade habitual. Interrogada, a propósito, respondeu:

– Como se trata de uma doença e não conheço esse gênero de coisas, procurarei, para satisfazer-vos, um Espírito que tenha exercido a Medicina durante a vida e vo-lo enviarei. Esperai um momento.

A mesa parou, mas depois de alguns minutos agitou-se de novo e o mesmo Espírito disse:

– Achei o médico; está aqui; interrogai-o:

P. – Podeis dizer-nos alguma coisa sobre a doença de Gubernári?

R. – Digo que, como Espírito, acho Gubernári gravemente doente; declaro, entretanto que, se estivesse entre vós, diria dele o que dizem os meus colegas vivos.

P. – Mas se é verdade que ele está gravemente doente, como podem declarar os médicos que seu mal é negócio de alguns dias?

R. – Se o corpo, que tem a alma aprisionada, fosse como uma caixa que se pudesse abrir à vontade, os médicos veriam o mal que consome Gubernári, enquanto ele parece exteriormente bem.

P. – Seu mal é somente físico ou também moral?

R. – Ambas as coisas.

P. – Curar-se-á ou morrerá?

R. – Lamento vo-lo dizer; mas estará ele brevemente entre nós.

P. – Podei-nos dizer quem sois?

R. Um médico cujo nome não vos é conhecido.

P. – Sede bastante bom para nos fazer conhecido o vosso nome.

R. – Eu vo-lo digo e já me vou porque estou com pressa.
Panattôni. Boa-noite a todos. (O Dr. Panattôni, parente do deputado do mesmo nome, tinha sido um bom médico e havia exercido sua profissão em Florença.)

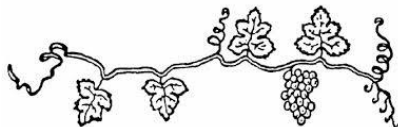
Foram feitas outras consultas e os médicos sentenciaram, por fim, que o doutor tinha um quisto interno.

Ele morreu a 30 de dezembro de 1874.

Em estado de agonia, dizia ver perto do leito o Espírito do Dr. Panattôni, que não o abandonava um só momento e à sua cabeceira os Espíritos de sua mãe e de sua tia Rosa, que o consolavam com sua presença e o encorajavam a deixar a vida terrestre.

Temendo que o não acreditassem, exclamou mais de uma vez:

– O que eu digo é a pura verdade; estou na agonia e na agonia não se mente.”



Experiências do Professor Rossi Pagnoni e do Doutor Moroni

Caso 04 – Em 1889, foi publicado um volume muito sério, relatando as experiências espíritas desses senhores, continuadas em Pezaro (Itália) com grande apuro de observação científica. Dentre muitos fenômenos importantes, vamos referir os casos seguintes, que se enquadram completamente no nosso assunto.

Servia de instrumento ao Dr. Moroni, para descrever os Espíritos que se manifestavam por meio da mesa, uma mulher chamada Isabel Cazetti, ótimo paciente hipnótico. Em muitas ocasiões, foi-lhe dado verificar que eram contrárias às crenças dos assistentes as indicações que a sonâmbula ministrava. Descrevia às vezes um Espírito que absolutamente não era o que se evocava e, com efeito, a mesa deletreava um nome muito diverso do Espírito que fora chamado. Eis aqui um exemplo:

“Dois amigos meus se puseram à mesa tiptológica, colocada a alguns metros da hipnotizada, para evocarem o Espírito de uma pessoa que lhes era afeiçoada, de nome Lívia, evocação já conseguida pelo mesmo meio. Enquanto isso, a hipnotizada fazia os sinais que costuma fazer quando vê um Espírito, sinais que lhe são peculiares à faculdade.

Moroni, eu e os outros assistentes, rodeando-a bem de perto, lhe perguntamos baixinho o que estava vendo. Respondeu: “Uma senhora, parente da pessoa menos alta das que estão sentadas à mesa.” Supusemos que se enganava, porquanto, como sabíamos, aqueles amigos evocavam uma pessoa amiga, não uma parenta. De súbito, porém, a mesa bateu: “Sou tua tia Lúcia; venho porque te estimo.”

Com efeito, o assistente de menor estatura contava entre os seus mortos uma tia desse nome, na qual, entretanto, não pensava e que o outro assistente não conhecia. Em seguida, o médium murmurou ao ouvido de Moroni que um rapaz, cujo nome começava por R..., estava à mesa. Esta efetivamente bateu R, primeira letra do nome do rapaz, que nos saudou. Depois, ouvimos na biblioteca um grande ruído e o médium, a sorrir, disse que fora aquele Espírito, que nos quisera dar sinal da sua partida.”

Chamamos muito particularmente a atenção do leitor para estas experiências, pois provam, de modo evidente, que são mesmo Espíritos os que se manifestam e não entidades quaisquer. Não se pode aplicar aqui nenhuma das pretensas explicações baseadas na transmissão do pensamento do evocador ao médium – uma vez que este anuncia *de antemão* um nome em que os assistentes não pensam – nem a da intervenção de um ser híbrido, formado dos pensamentos de todos os assistentes, não se podendo tampouco pretender que sejam elementais, elementares, ou influências demoníacas.

São as almas dos mortos que afirmam a sua sobrevivência por ações mecânicas sobre a matéria. Não apresentam uma forma indeterminada, mas as dos corpos terrenos que tiveram durante a encarnação. A inteligência se conservou lúcida e vivaz; revela-se em plena atividade após a morte. Temos em nossa presença o mesmo ser que vivia outrora neste mundo e que apenas mudou de estado físico, sem nada perder da sua personalidade de outrora.

Como nunca será demais insistir em tais fatos, vamos referir alguns outros. Narrativa de uma sessão:

“Sentaram-se à mesa da tiptologia dois dos nossos amigos, evocando Lúcia. A primeira letra batida lhes fez crer que conseguiriam o que desejavam; mas, o médium segredou ao ouvido de Moroni (que tomou nota num pedaço de papel, dobrou-o e colocou em cima da mesa) que, em vez de Lúcia, era o Espírito

de Livia que batia, dizendo "obrigado". Deu-se como fora anunciado e verificou-se que essa palavra estava realmente escrita.

O médium pediu a Moroni que tomasse o lugar de um daqueles senhores à mesa tiptológica. Ele assim fez e outra pessoa se colocou ao lado do médium e lhe perguntou o que via. O interrogado respondeu de maneira a não ser ouvido pelos demais: "É a irmã do doutor." A mesa, com efeito, bateu – "Assunta", nome de uma falecida irmã de Moroni e que lhe pediu permanecesse à mesa. Então, disse o médium, ao ouvido do amigo que se lhe pusera ao lado, que o pai do doutor desejava comunicar-se. A mesa bateu estas palavras: "Sou teu pai e posso qualificar de ditoso este momento em que me acho contigo."

Eis outro relato, em que não é menor a evidência, do que nos últimos casos reproduzidos.

Após alguns ensaios de tiptologia, declarou o médium que o pai de um Sr. L... desejava falar-lhe:

"Fizemos que o Sr. L... Se levantasse da mesa e lhe solicitamos que tentasse escrever noutra mesa, visto que um Espírito queria comunicar-se por seu intermédio, e o rodeamos, para auxiliar nessa primeira experiência. Dois de nós nos aproximamos do médium e lhe perguntamos quantos Espíritos via no momento ao nosso derredor. Respondeu que via três: o que já fora indicado e duas senhoras, sendo uma delas tia daquele que o interrogava. Trazendo este consigo um retrato dessa tia, misturou-o com outras fotografias, que pudemos reunir, de senhoras, e as entregou todas ao médium. Este, sem as examinar, o que, aliás, não podia fazer, devido à meia obscuridade reinante no canto onde estávamos da sala, não podendo, tampouco, ser, como dizem, suggestionado pelo interrogante, uma vez que não via as fotografias e não sabia em que ordem o acaso as dispusera, separou uma e a entregou ao referido interrogante. Era a da sua parenta. Ao Sr. L... deu o médium pormenores íntimos sobre seus negócios de família. Como

estrangeiro que era, o Sr. L... residia de pouco tempo na nossa cidade. Seu pai morrera havia uns vinte anos.”

Para concluir as brevíssimas citações desse importante trabalho, vamos dizer de que modo o Dr. Moroni foi levado a estudar os fenômenos espíritas. Quando ele era ainda simples magnetizador, para quem todas as imagens que o sonâmbulo dizia ver não passavam de alucinações, um dos primeiros fatos que o fizeram começar a crer foi o seguinte:

“Uma noite, estando magneticamente adormecido, o médium exclamou de súbito, agitando um braço: “Ai!” Perguntando-lhe Moroni: “Que há?”, ela respondeu: “Foi Isidoro que me beliscou.” (Isidoro era um irmão de Moroni, falecido havia alguns anos.) O médico descobriu o braço do médium e lá encontrou, com efeito, uma marca semelhante à que deixa a pressão de dois dedos na epiderme. Até aí, porém, nada de espantar, porquanto o que se dera podia muito bem ser o resultado de uma auto-sugestão da própria senhora. Disse-lhe então Moroni: “Se é verdade que meu irmão se acha presente aqui, dê-me ele uma prova disso.” Respondeu o médium, a sorrir: “Olhe lá.” (Apontava com o dedo para uma parede que lhe ficava muito distante.) O médico olhou e viu um cabide, ali dependurado num prego, mover-se vivamente para a direita e para a esquerda, como se uma mão invisível o empurrasse num e noutro sentido.”

Aqui a afirmativa do médium é confirmada, corroborada por uma manifestação material. Pudemos certificar-nos, pelos exemplos precedentes, que os fenômenos não se originam de uma exteriorização do médium, pois que o ser que se manifesta revela coisas que aquele ignora.

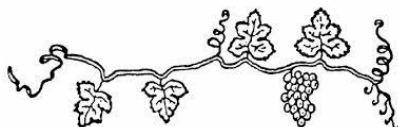
Não se pode igualmente invocar a transmissão do pensamento:

1º – Porque os movimentos da mesa se produzem sem que o médium a toque, indicando esses movimentos, previamente anunciados, um nome em que os assistentes não pensam;

2º – Porque a transmissão do pensamento podia efetuar-se entre o magnetizador e o seu paciente, como o relata o Doutor Moroni, que não conseguiu fazê-lo pronunciar o nome “Trapani”, em que ele pensava energicamente.¹ Com mais forte razão, não se pode conceber como haveria o médium de ler o pensamento dos assistentes, que lhe são por completo estranhos e com os quais não se põe em relações magnéticas.

Diante de tais fenômenos, a incredulidade, se é sincera, tem que depor as armas. Há indivíduos, porém, subjugados a tal ponto pelo orgulho, que se envergonhariam de confessar um erro. São retardatários, tanto pior para eles. Restam inúmeros pesquisadores sem idéias preconcebidas, para que tomemos a peito comunicar-lhes as nossas descobertas.

Basta, aliás, a quem quer que seja, prosseguir nesses estudos com o firme desejo de instruir-se, para estar certo de adquirir uma convicção racional, baseada em fatos pessoais. Sobejam os exemplos. Julgamos de bom aviso pôr sob as vistas do leitor caso recente, para mostrar que as manifestações se dão em todos os meios. Tudo está em saber e querer suscitá-las.



Caso 05 – Transportes a pedido ou em que se encontram modalidades de produção que excluem toda possibilidade de fraude

Na enumeração dos casos que me propus tratar, desejava seguir uma disposição em grupos, segundo as várias modalidades com que são produzidos os numerosos fenômenos de *transportes*, aqui considerados, modalidades que excluem toda possibilidade de práticas fraudulentas, malgrado a condição de plena obscuridade em que foram obtidas. Entretanto, o meu propósito não se mostrou praticamente utilizável, visto que, em uma mesma sessão, às vezes se agrupam episódios de *transportes* diferenciados por modalidades de produção as mais diversas, o que me constrange a renunciar a uma disposição ordenada desses episódios. Não resta senão o recurso de contornar esse pequeno inconveniente por meio de um resumo final em que se contenham todas as modalidades com que eles são produzidos.

Quando consultamos as obras e as revistas publicadas nos primeiros quarenta anos de pesquisas no campo das manifestações supranormais, encontramos bom número de extraordinários casos de *transportes* diferenciados pelas condições de produção aqui consideradas, não obstante renuncio a relatá-los para não exorbitar nas proporções da presente monografia, reservando espaço para os episódios do gênero, obtidos em mais recentes decênios e em nossos dias.

Acerca das manifestações relativamente antigas, aludirei, de passagem, a alguns incidentes obtidos com a mediunidade do Rev. William Stainton Moses para depois demorar-me um tanto em torno de episódios obtidos graças à mediunidade da Sra. Guppy (então Sra. Nicoll), e isto pela consideração de que essa médium, tornada famosa pelos casos de *transporte* da própria pessoa de uma casa para outra,

não é bastante conhecida como maravilhosa médium de *transportes* a cujo respeito deve-se acrescentar que algumas sessões notabilíssimas por ela realizadas em Florença, durante uma viagem de recreio à Itália, são literalmente ignoradas, conquanto se mostrem dignas de sair do esquecimento.

Malgrado a variedade e a importância dos fenômenos de *transportes* obtidos com a mediunidade do Rev. Moses, em que, entre outros, se classifica a rara especialidade de *transportes* de pequenas gemas (pérolas orientais, esmeraldas, safiras, bem como camafeus de origem supranormal), raros são os episódios que apresentam algumas das características aqui contempladas. Não obstante, verificaram-se chuvas de pérolas orientais em plena luz (até trinta perolazinhas de uma só vez) e isso nos intervalos entre uma e outra sessões, no momento em que os experimentadores passavam à sala de refeições para tomar chá e, em outra circunstância, a Sra. Speer viu uma perolazinha oriental pousar em cima do papel de carta no qual escrevia.

Não me estendo sobre essa fase interessantíssima da mediunidade de Moses, porquanto o *espírito-guia* "Rector" já explicara que não se tratava de *transportes* verdadeiros e sim de *criações espirituais*. Observo, de qualquer maneira, que se tratava de *criações* de gemas autênticas e duradouras e, quando Moses, conforme ordem recebida, foi a uma joalheria para fazer engastar o magnífico rubi mediúnico em um anel que devia trazer constantemente no dedo, o joalheiro, depois de tê-lo longamente examinado, observou que aquele rubi era de uma beleza e de uma pureza excepcionais.

Destaco, dentre os vários *transportes* obtidos *a pedido*, dois seguintes episódios colhidos nos relatórios da Sra. Speer:

"Sessão de 7 de Setembro de 1872 – Esta noite nos reunimos como de costume. Logo se manifestou o nosso amigo A., que respondeu a várias perguntas e tocou, a pedido nosso, o seu

maravilhoso instrumento espiritual. "Mentor" espargiu em abundância um delicioso perfume para harmonizar os fluidos. *Eu pedi que me fosse trazido um objeto que se achava no meu quarto de dormir. Quase imediatamente me foi posto na mão um frasco de perfume que se encontrava sobre a minha mesa de toailete.*" (Light, 1892, pág. 391).

Na sessão de 18 de janeiro de 1873 lê-se este outro episódio:

"Esta noite o quarto foi inundado de perfumes e as manifestações de ordem física foram poderosas. Em um dado momento, caiu entre mim e o dr. Speer um livro que provinha da biblioteca fechada à chave. *O Dr. Speer então nos informou que pedira mentalmente ao "Mentor" para trazer-lhe algum objeto que se achasse fora da zona fluídica que circundava o médium.*" (Light, 1892, pág. 523).

Este segundo episódio, conforme *pedido formulado mentalmente*, se mostra mais do que nunca interessante do ponto de vista probatório. Observo que a biblioteca, da qual foi trazido o livro transportado, se achava na sala das sessões, mas como o livro foi tirado da seção envidraçada da biblioteca, sempre fechada à chave, o fato se traduz em *transporte*, visto que o fenômeno da *penetração da matéria* se realizou igualmente.

Relato ainda este outro episódio de *transporte* de uma campainha. Escreve Moses:

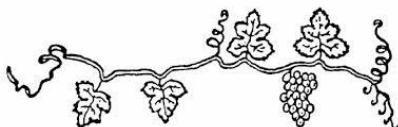
"Na sessão de 28 de agosto (1873), sete objetos, tirados de aposentos diversos, foram transportados; no dia 30 outros quatro, entre os quais uma campainha, levada da sala de jantar contígua ao quarto das experiências. É de notar-se que se deixava sempre aceso o gás, com toda chama, tanto na sala de jantar como na saleta, em razão do que, se alguém abrisse qualquer uma das portas, certa onda de luz teria logo invadido o aposento em que fazíamos as experiências. Como o fato não se verificou mais,

obtivemos com isto a tal prova que o Dr. Carpenter considera a mais desejável, isto é, a prova do "bom senso", visto que as duas portas permaneceram sempre fechadas. Na sala de jantar se achava uma campainha e nós a ouvimos, imprevistamente, tilintar e pudemos seguir-lhe o movimento no ar, observando que o ruído se aproximava lentamente da porta que a separava de nós. Pode-se facilmente imaginar o espanto de todos nós quando, a despeito da porta, ouvimos a campainha tilintar dentro do quarto, aproximando-se lentamente de nós. Deu a volta ao quarto, tilintando sempre, depois desceu, passou por debaixo da mesa e elevou-se um pouco, chegando ao nível de meu cotovelo. Veio tilintar justamente debaixo do meu nariz, depois em torno da cabeça de todos os presentes, um após outro, e finalmente pousou delicadamente em cima da mesa." (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. IX, pág. 267).

Ao ler o magnífico episódio aqui exposto, ocorreu-me logo à memória um caso semelhante obtido por William Crookes com a mediunidade da Srta. Kate Fox. A diferença existente entre os dois episódios consiste na circunstância de que, no caso de Crookes, a campainha transportada começou a tilintar quando já se achava na sala das sessões, ao passo que, no caso de Moses, a campainha já o fizera em outro aposento, fornecendo, desta forma, um complemento de prova sobre a genuinidade do fenômeno, que se mostra então positivo. E isto é quanto importa do ponto de vista a que me propus com a presente classificação.

Noto ainda, no episódio em apreço, que o que me parece mais espantoso é a circunstância de ter a campainha penetrado na sala sem quase deixar de tilintar. Caso estivessem apagadas as luzes da sala de refeições, ter-se-ia podido explicar o mistério, supondo que, em tal contingência, se tivesse produzido o fenômeno inverso da desintegração de uma parte da porta, através da qual passara a campainha, mas como a sala de refeições estava iluminada, não é

possível recorrer-se a tal plausível solução do mistério. Dever-se-á, portanto, inferir que o fenômeno da desintegração e reintegração da campainha se produziu com tal rapidez que o intervalo de silêncio foi bastante curto para não ser notado pelos experimentadores.



Caso 06 – Devendo ocupar-nos da mediunidade da Sra. Guppy (antes Srta. Nicoll), não posso deixar de extrair algumas citações dos escritos do famoso naturalista Alfred Russell Wallace, que foi quem descobriu as faculdades mediúnicas. Ele, no seu livro *On miracles and modern Spiritualism*, escreve nestes termos:

“Conheci a Srta. Nicoll antes de nunca ter ela ouvido falar de *mesas girantes* e do Espiritismo e descobri-lhe as faculdades mediúnicas por mera especulação, convidando-a a tomar parte em nossas experiências. Isso aconteceu em novembro de 1866 e por alguns meses continuamos ininterruptamente as nossas sessões, de modo que tive facilidade em vigiar e acompanhar o maravilhoso desenvolvimento de sua mediunidade. A forma mais notável por ela assumida consistia nos *transportes* de flores e frutas, em um quarto hermeticamente fechado. O fenômeno se produziu, pela primeira vez, em minha casa e isto se deu no início de seu desenvolvimento mediúnico. Esse fenômeno, porém, se verificou centenas de vezes em ambientes diversos, sob condições variadíssimas. Algumas vezes as flores chegaram, de repente, em tal quantidade, que formaram um grande monte sobre a mesa e, além disso, aconteceu muitas vezes que flores e frutas eram transportadas justamente *a pedido* dos experimentadores. Assim, por exemplo, *um meu amigo pediu um girassol e logo caía em cima da mesa uma dessas plantas da altura de seis pés, com as suas raízes envoltas em uma espessa camada de terra.*”

Um episódio análogo a este último foi narrado pelo conhecido escritor espiritualista Robert Cooper, amigo de Russell Wallace e seu companheiro de experiências. Escreve ele:

“Certa vez, depois do jantar, dirigi-me à casa do Sr. Guppy, em Highbury, e por ele soube que a sua esposa fora passar a noite na

residência de uma família vizinha. O Sr. Guppy acrescentara que se tratava de novos conhecidos, bem como de pessoas ignorantes das coisas do Espiritismo e que lhe haviam pedido para assistir a algumas sessões do gênero, em vista do que me prontifiquei a acompanhá-lo àquela casa. Sucedeu, portanto, que, pelas 6 horas, dirigimo-nos juntos para ela. Depois do chá, resolvemos fazer uma sessão. O quarto era pequeno e perfazíamos uma dúzia de pessoas sentadas em círculo, ao redor da mesa, razão pela qual não ficava espaço algum para se passar entre um e outro de nós. Apagou-se a luz e pouco depois pancadinhas alfabéticas pediram aos presentes que especificassem as coisas que desejavam fossem transportadas e alguns pediram flores e outros frutas. Eu, a princípio, pensei numa couve-flor, mas como não estivesse certo de que era época dela, disse: "Trazei-me um torrão de terra com erva." Poucos minutos após vimos sinais manifestos de que a minha ordem estava traduzida em ato, pois um dos presentes acusou ter sido tocado no peito por algo de impreciso. Logo depois sucedeu outro tanto comigo e, ao mesmo tempo, notei algo de indefinido que me caía no colo. Acendeu-se a luz *e então todos viram que se encontrava no meu colo um torrão de terra úmida com ramos de erva bem compridos. Apenas pus-lhe a mão, notei, com espanto, que dentro da terra úmida da raiz se contorciam minhocas!* Evidentemente o torrão fora arrancado, naquele momento, de algum prado dos arredores." (*Light*, 1896, pág. 165).

E agora passo a citar alguns trechos não menos interessantes, tomados de sessões realizadas em Londres e em Florença, mas igualmente ignoradas de todos, visto que só foram relatadas por experimentadores italianos, bem como publicadas exclusivamente na revista *Annali dello Spiritismo in Italia*, dirigida pelo professor Scarpa (Niceforo Filalete) e há muitos anos extinta.

Transcrevo, antes de tudo, um longo trecho da narração de Achille Tanfani, redator da publicação supracitada, o qual, tendo ido a Londres

a negócio, teve ocasião de assistir a algumas sessões com a Sra. Guppy. Escreve ele:

“Fui favorecido pelo nosso excelente amigo Sr. Damiani com uma carta que me apresentou aos Guppy e tive, com isto, a fortuna de presenciar grande parte das maravilhas mediúnicas que, com tanto prazer, eu lera nos jornais espíritas da Inglaterra.

Sexta-feira, 23 de junho de (1874) – Não obstante uma neblina que me ocultava a vista do magnífico palácio de Westminster e uma chuva miúda que filtrava de um céu escuro, abalei-me do meu hotel em Rupert Street e me dirigi para o nº 1 da Morland Villa, moradia do casal Guppy. Passamos o dia em agradável palestra e, depois do jantar, fui gentilmente convidado pela Sra. Guppy a acompanhá-la a uma casa da cidade, onde prometera fazer uma sessão espírita.

O oferecimento não podia ser mais cativante e, pouco depois, eu me achava numa carruagem em companhia dos Guppy e de certa Sra. Fisher, em direção àquela residência. Devo fazer notar que o veículo era tão pequeno que só havia lugar para quatro pessoas, de modo que ficaram amarrotados até os vestidos das senhoras e mais ou menos importunadas as pernas de todos. Esta observação, conquanto frívola, poderá servir para dar maior realce aos fenômenos que estou para descrever. Depois de uma boa hora de caminho, chegamos finalmente ao nº 7, Dane Inn, casa do Sr. Volkmann, nosso amável hospedeiro.

Achei na sua casa uma pequena mas seleta assistência de seis ou sete pessoas, entre as quais o Sr. Greck, coronel do exército russo. Tomamos todos os lugares em redor de uma grande e pesada mesa, numa saleta do andar térreo que dava para o corredor de entrada por uma única porta, que foi fechada à chave. Durante a breve palestra que precedeu à sessão, tive facilidade em inspecionar o aposento, mas nada descobri que pudesse ter a menor relação com os belíssimos fenômenos de que fui

testemunha. Apenas feita a obscuridade e mantendo-nos todos em cadeia, em volta da mesa, esta começou a fazer movimentos bruscos e ondulatórios com tal força que foi bom que não nos encontrássemos em andar superior, pois de outra forma teríamos receado pelo soalho. Logo uma brisa bastante agradável, em uma noite tão quente e naquele quarto hermeticamente fechado, veio bafejar-nos as mãos e os rostos e repetidamente fomos banhados com água de colônia. Seguiram-se alguns golpes misteriosos, inimitáveis. Parecia-nos que se estava batendo não na superfície, mas no interior da madeira e, ao mesmo tempo, alguma coisa caiu em cima da mesa, de tanto peso que, movidos pela curiosidade, acendemos a luz e *pode-se calcular a nossa surpresa ao encontrarmos sobre a mesa um grande pé de "uva-espim", com terra e raízes, que, em altura e largura, media mais de dois pés.*

Foi novamente apagada a luz e, alguns minutos após, caiu uma chuva de rosas, que, na claridade, achamos tão frescas e *tão umedecidas de orvalho* que parecia terem sido colhidas ali mesmo, e *nove insetos multicores esvoaçavam de uma para outra flor.*

Tornamos a fazer a obscuridade, por recomendação dos invisíveis, e esperamos só poucos instantes quando diversos objetos foram atirados sobre a mesa e verificamos, com a luz acesa, se tratarem de um limão, uma laranja, um grande pepino e *um enorme ramo de framboesas com a altura de cerca de seis pés.* Compreende-se que seria preciso uma pequena despensa para esconder todas essas coisas e seria bem pueril crer que a Sra. Guppy tivesse podido ocultá-las *naquela pequena carruagem* em que fôramos para a sessão. Acrescento que essas plantas têm espinhos agudos e que a fragrância das flores as teria revelado ao olfato, caso se tivesse meios de subtraí-las à vista. De rosas a quantidade foi tal que, depois de cada um de nós ter feito o seu ramalhete, ainda sobrou bastante para enfeitar toda a comitiva." (*Annali dello Spiritismo in Italia*, 1874, pág. 274).

Em outra sessão, à qual teve ocasião de assistir o mesmo Achille Tanfani na casa dos Guppy, presente também o escritor Robert Cooper, produziram-se outros fenômenos da mesma natureza, mas que não relatarei aqui para não me alongar muito, salvo o seguinte episódio em que se verificou o aparecimento de outros animaizinhos vivos. Escreve o narrador:

“Em um dado momento derramou-se água perfumada sobre nós e fomos gentilmente acariciados com raminhos de cerejas, nos quais, acesa a luz, descobrimos *dois escaravelhos vivos*, com muito pavor da Sra. Guppy, que tem por eles repugnância.” (Idem, pág. 302).

E agora passo a narrar os principais trechos dos relatórios sobre as sessões com a Sra. Guppy, em Florença, relatórios esses escritos por Rinaldo Dall'Argine, secretário da *Società Spiritica Fiorentina* e um dos mais inteligentes e beneméritos espíritas da primeira hora.

Tiro os trechos, aqui reproduzidos, dos *Annali dello Spiritismo in Italia* (1869, pág. 178 e seguintes). O relator assim começa:

“A Sra. Guppy, apenas chegada a Florença, fez amizade com a condessa Enrichetta Bartolomei, esposa do Sr. conde Tomaso Passerini, e como são ambos ardorosos e perseverantes cultores de nossa doutrina e muito freqüentemente fazem experiências em sua residência, a Sra. Guppy, por eles convidada a dar provas de suas extraordinárias faculdades mediúnicas, se prestou com toda a boa vontade e obteve os costumeiros fenômenos...

A primeira sessão, que a Sra. Guppy fez na casa Passerini, foi na noite de 23 de dezembro de 1868. Os convidados, em número de 14 ou 15, eram todos espíritas e, em volta de uma mesa redonda, do diâmetro de cerca de um metro, se sentaram os cônjuges Guppy e muitos dos assistentes. A médium *quis que lhe ligassem as mãos e que a dona da casa as prendesse entre as suas e assim se fez*. O Dr. Wilson (um dos convidados) *segurou as mãos do Sr.*

Guppy. As outras pessoas do círculo estavam em torno da mesa, em segunda linha, formando cadeia.

Após alguns minutos, a médium (*sempre de mãos ligadas e seguras pela Sra. Passerini*) mandou apagar a luz. Com a sala em profunda escuridão, ouvimos pancadas na mesa como se alguém, com os nós dos dedos, batesse sobre ela. Então, por meio da tipologia, houve um diálogo entre o Sr. Guppy e o espírito que se manifestava.

A Sra. Bulli (médium vidente que assistia à sessão) disse ver uma grande quantidade de flores, entre as quais distinguia, claramente, uma belíssima rosa vermelha, muito grande e com três folhas. Alguns minutos após, foi por todos sentido um suave perfume de flores e depois como que uma chuva que caísse em cima da mesa. Cessado o rumor ouvido e acesa a luz, ficaram todos maravilhados ao achar o móvel inteiramente coberto de flores fresquíssimas. As flores eram junquinhos, violetas, gerânios, magnólias, cravos e *uma belíssima camélia vermelha em três folhas, que a médium vidente já vislumbrara na escuridão e que, pela sua semelhança, julgara ser uma rosa*.

Na noite de 26 do citado mês, a Sra. Guppy voltou à mesma casa para dar novas provas de sua mediunidade. Os resultados foram pouco mais ou menos iguais aos obtidos na noite de 23. Tivemos, por duas vezes, uma abundante chuva de flores frescas, fresquíssimas mesmo, e *todas molhadas (naquela noite chovia deveras)*. Uma senhora, tendo pedido ao espírito alguns animaizinhos vivos, como, por exemplo, um passarinho, um rato ou um coelho, o espírito não se fez de rogado e logo pôs sobre a mesa diversos insetos alados, quase todos grandes, que eu não sei como denominar, os quais, depois de terem passeado em cima e em baixo da parte superior da mesa, alçaram vôo e se foram embora. O espírito presenteou-nos com algumas maçãs, limões e laranjas. Antes, uma dessas me foi arremessada, com certa força, contra o peito, mas sem me causar o menor mal.

Também, naquela noite, a Sra. Guppy e seu marido, quando a sala ainda estava na mais completa escuridão, *não tinham livres as mãos, que eram firmemente seguras por aquelas que se achavam mais próximas*. Todas as vezes que os cônjuges Guppy se encontram em alguma casa, para tentar qualquer experiência, sempre exigem que sejam revistados para dissipar qualquer suspeita de que possam ocultar objetos que, na escuridão, caiam sobre os assistentes.

Os esposos Guppy, que são de uma rara gentileza, recusavam favorecer, com as suas presenças, a nossa sociedade. Enquanto esperávamos que o número de sócios estivesse completo para começarmos as nossas experiências, alguém disse que não podia compreender como é que os espíritos podiam distinguir as cores na escuridão. Apagada a luz, manifestou-se um espírito que ditou, pela tipologia, as seguintes palavras: "Há aqui alguém que acredita que os espíritos não vêem no escuro." Cessadas as batidas, reinou, durante alguns minutos, o mais profundo silêncio, quando, de repente, ouviram-se como que uma chuva de folhas secas a cair em cima da mesa. Acesa a luz, vimos a mesa coberta de confeitos de diversas cores: brancos, vermelhos, verdes, amarelos, etc. Então o espírito convidou-nos a reuni-los todos em um só monte, no meio da mesa, e a apagar de novo a luz, o que logo se fez. Depois de breves instantes, por ordem do mesmo espírito, foi acesa a luz e, com grande surpresa nossa, *verificamos que os confeitos haviam sido separados segundo as suas cores, isto é, os brancos estavam todos reunidos à parte, os vermelhos igualmente, os verdes também e assim todos os outros*. O espírito, operando aquela separação, quisera provar que os espíritos podem, na escuridão, que só existe para nós, distinguir perfeitamente as cores.

Pela terceira vez a Sra. Guppy se prestou a servir de médium à *Società Spiritica Florentina*. Também dessa vez foram tomadas as habituais precauções, isto é, revistar o casal Guppy e segurar-lhe

bem firmemente as mãos por todo o tempo em que as luzes estivessem apagadas. O primeiro resultado que obtivemos foi uma abundante chuva de fresquíssimas flores de diversas qualidades e que embalsamaram o ar com os seus perfumes suaves. Todos os presentes tiveram a sua parte e as senhoras, terminadas as experiências, partiram munida cada uma de um belo buquê. Depois daquela chuva de flores, as luzes foram apagadas de novo e, quando reinava o mais completo silêncio, fomos todos abalados por uma fortíssima pancada vibrada na mesa, semelhante à que teria produzido uma grande pedra que sobre ela houvesse caído. Reacendida a luz, achamos, não uma grande pedra, como acreditávamos, *mas um grande pedaço de gelo, claro como cristal, do cumprimento de 15 centímetros e 10 espessura, o qual, ao cair, se partira.*

Pode-se calcular a surpresa de todos: o tamanho daquele pedaço de gelo era para liquidar qualquer dúvida que alguém alimentasse. Quem teria podido escondê-lo no próprio bolso e ocultá-lo por tanto tempo, sem ficar completamente molhado?”

Paro aqui com as citações. Para quem quer que se proponha a analisar os fatos, sem deixar ofuscar a sua mente pela caligem dos preconceitos, deveriam bastar os episódios citados para admitir a existência indubitável dos fenômenos de *transporte*.

Com efeito, nos referidos trechos, se contém tudo quanto poderia legitimamente exigir-se para prática e racionalmente reconhecer a genuinidade de uma fenomenologia supranormal obtida em condições de completa escuridão.

É de notar-se, antes de tudo, a circunstância de que, nas experiências de Florença, os cônjuges Guppy, a seu próprio pedido, foram sempre revistados, bem como constantemente seguros pelas mãos, enquanto, além disto, a médium exigia que se lhe ligassem as mãos às dos seus vizinhos. E malgrado essas condições inexcedíveis de segurança contra qualquer prática fraudulenta, não só foram obtidas

as habituais e abundantíssimas chuvas de flores e frutos, mas, numa noite em que chovia torrencialmente, as flores transportadas estavam literalmente molhadas pela chuva, circunstância teoricamente notabilíssima do ponto de vista probatório e que se renova muitas vezes nos fenômenos de *transporte*. Quem escreve já a obteve uma vez com a mediunidade de Eusápia Paladino (como mais adiante se lerá), e na Inglaterra obtiveram-se *transportes* de flores cobertas de flocos de neve, e isso em correspondência com o fato de que, naquele momento, nevava. Noto, além disso, que nas sessões de Florença foram obtidos casos de *transporte a pedido*, o primeiro dos quais se realizou com a chegada de animaizinhos vivos, pertencentes à classe dos coleópteros, e o segundo, mais extraordinário ainda, foi provocado pela observação de um assistente (o que naturalmente se identifica com um *transporte a pedido*). Aludo com isto ao *transporte* dos confeitos multicores que a entidade comunicante subdivide, em plena obscuridade, em tantos montes quantas eram as suas cores, fenômeno que serve, portanto, para provar a gênese supranormal dos *transportes* produzidos. E, como se tal não bastasse, chega-se, enfim, ao magnífico fenômeno do *transporte* de um grande pedaço do gelo (15 centímetros de lado e 10 de espessura), coisa que a médium não teria podido ocultar sob as saias, sujeita ao calor do corpo, por uma hora e meia, sem derreter inteiramente e formar uma lagoa no soalho.

Observo que o fenômeno do *transporte* de pedaços de gelo se produziu outras vezes com a Sra. Guppy. Assim, por exemplo, o célebre escritor inglês Adolph Trollope atestou, perante a Comissão de Inquérito da Sociedade Dialética, que numa sessão com a médium em apreço foi atirado sobre a mesa um enorme pedaço de gelo com tal ruído e com tanto ímpeto que o gelo ficou em pedacinhos, acrescentando que “o fenômeno se dera uma hora depois de começada a sessão, de modo que se o gelo já estivesse no aposento aquecido ter-se-ia derretido completamente”. (Relatório da Sociedade Dialética, pág. 371). Saliento, enfim, que o professor Ochorowicz refere que, com a sua própria médium, Sra. Tomczyk, obteve, a

pedido, o *transporte* de um punhado de neve, em correspondência com o fato de que, naquele momento, nevava (*Annales des Sciences Psychiques*, 1909, pág. 71).

Demorei-me em tratar das sessões de Florença porque elas foram otimamente fiscalizadas. Noto, não obstante, que as experiências antes relatadas são igualmente positivas do ponto de vista probatório. Pense-se na circunstância referida por Achille Tanfani, que fora a uma sessão na casa dos Volkmann numa carruagem em que se achavam quatro pessoas, inclusive a médium, apertadas e imobilizadas pela falta de espaço, circunstância que prova que a médium, em semelhante condição de cerceio recíproco, não teria podido esconder, junto ao seu corpo, uma porção de rosas, que foram achadas fresquíssimas, bem como umedecidas de orvalho; limões, laranjas, pepinos, um grande pé de "uva-espim" com terra e raízes, que, em altura e largura, media mais de dois pés, um grande galho de framboesa da altura de seis pés e nove insetos multicores que se puseram a voar de flor em flor.

Pense-se ainda no outro episódio de Achille Tanfani, que *pede* o *transporte* de uma relva que lhe caiu pouco depois no colo e, quando a observou, descobriu que, na terra úmida, aderente às raízes, se contorciam minhocas. E, a propósito de animaizinhos vivos, recordo ainda o *transporte* de dois *escaravelhos* em raminhos de cerejas em flor, enquanto em outra sessão, de que fala Podmore na sua obra (vol. II, Pág. 67), foram transportados caranguejos e enguias vivos. Recordo, finalmente, outro fenômeno obtido, *a pedido*, de um pé de girassol de seis pés de altura, na casa do naturalista Russell Wallace. Diante disso, observo que não me parece ter exagerado quando disse que os fenômenos de *transportes*, que se produziam com a mediunidade da Sra. Guppy, bastam também, por si sós, para provar, experimentalmente, a existência incontestável desses fenômenos.

Isto posto, apresso-me a repetir o que disse antes, isto é, que, se bastam e devem bastar, do ponto de vista estritamente pessoal, poucos casos bem fiscalizados para levar racionalmente à convicção quem quer que não tenha a mente ofuscada por preconceitos, o

mesmo não se pode afirmar no caso de demonstrações científicas para as quais se exige confirmação de um dado fenômeno sob formas suficientemente variadas e bastante numerosas para se ter um modo de aplicar, à série inteira dos fenômenos investigados, os processos da análise comparada e da convergência das provas. A Ciência tem uma elevadíssima missão a cumprir no mundo: a de iluminar e guiar a humanidade na sua lenta evolução social e espiritual e tudo isso implica uma grandiosa responsabilidade moral nos representantes do saber, responsabilidade esta que exige o caminhar, com cautela, pela estrada que conduz à verdade. Assim sendo, só me resta continuar com a exposição dos fatos.